

Economia.

Tomate é o vilão da cesta básica do capixaba

Pág. 30

EDITORA:
JOYCE MERIGUETTI
jmeriguetti@redgazeta.com.br
Tel.: 3321.8327

TRABALHO NO ESTADO

CRISE FAZ RENDA DO CAPIXABA ENCOLHER

Rendimento médio caiu para R\$ 1.732 no 1º trimestre do ano

▄ **POLLYANNA DIAS**
pdias@redgazeta.com.br

A crise econômica bateu à porta do capixaba. Desde o primeiro trimestre de 2014, a renda do trabalhador do Espírito Santo vem caindo. De janeiro a março deste ano, o rendimento médio foi de R\$ 1.732,95, abaixo do observado no mesmo período do ano passado: R\$ 1.765,31, uma queda de 1,8%. Os dados foram divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

É a primeira vez que o IBGE compila dados por trimestres na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua. O estudo substitui a tradicional Pnad anual e a Pesquisa Mensal de Emprego (PME).

O resultado mostra uma escalada de renda no Estado a partir de janeiro de 2012, quando a média da renda dos capixabas era de R\$ 1.677,78.

Mas, no início do ano passado, a retração registrada pela economia acarretou em queda da renda do capixaba, exceto por uma subida momentânea no último trimestre, quando o rendimento atingiu

R\$ 1.796,55 em decorrência das contratações de final de ano. Em 2014, a média de renda do capixaba fechou em R\$ 1.666.

No Brasil, o rendimento médio do primeiro trimestre deste ano foi estimado em R\$ 1.840, ou seja, cresceu 0,8%. Nos três primeiros meses, a renda mais alta foi registrada no Distrito Federal (R\$ 3.406) e a menor no Maranhão (R\$ 946).

No ranking nacional, o Estado ocupa a 12ª colocação entre os maiores rendimentos. Em relação ao crescimento da renda, o Espírito Santo teve o 7º pior desempenho do país.

Para o coordenador de Estudos Econômicos do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN), Victor Toscano, o desempenho negativo da renda entre janeiro e março sofreu influência da aceleração da inflação, que no acumulado de 12 meses já atinge 7,9%.

“O rendimento real reflete o poder de compra dos trabalhadores. A aceleração aumentou, porém o aumento do salário não foi suficiente para compensar o aumento generalizado dos preços”, explicou.



GUILHERME FERRARI

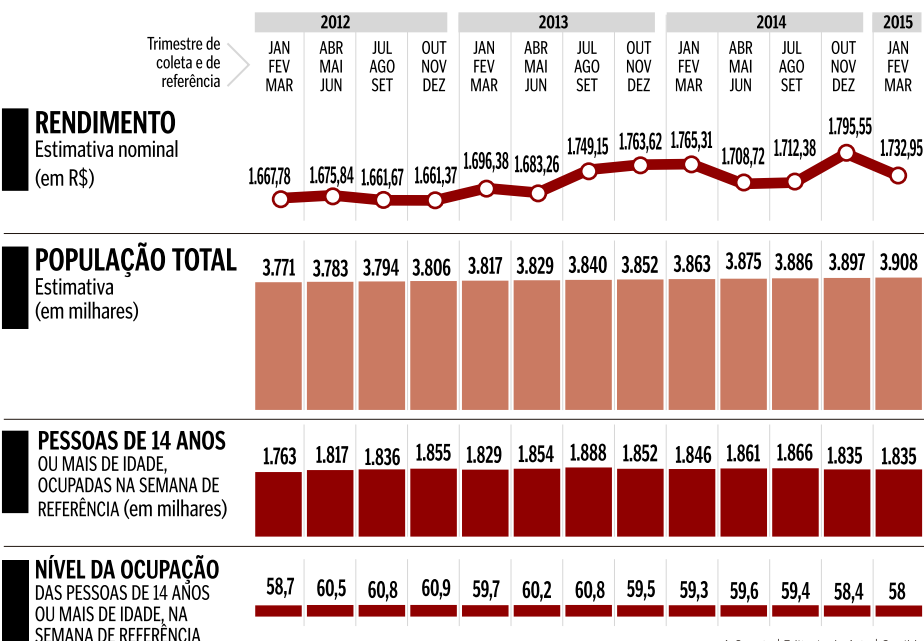
Vendas estão lá embaixo

Por conta do ritmo fraco de consumo dos capixabas, a vendedora Paulina Lima, 41 anos, reclama do pouco faturamento nas vendas e nas comissões.

“O comércio está muito fraco. Tem mês que a gente deixa de lucrar mais de 80% nas comissões com as vendas”

—
PAULINA LIMA,
41 anos, vendedora

RAIO-X DA PESQUISA



RENDIMENTO EM 2015

▼ Distrito Federal

R\$ 3.406,05

▼ São Paulo

R\$ 2.401,25

▼ Roraima

R\$ 2.145,79

▼ Paraná

R\$ 2.026,97

▼ Santa Catarina

R\$ 2.014,70

▼ Rio Grande do Sul

R\$ 1.982,17

▼ Rio de Janeiro

R\$ 1.966,97

▼ Mato Grosso

R\$ 1.820,04

▼ Goiás

R\$ 1.786,65

▼ Amapá

R\$ 1.740,73

▼ Mato Grosso do Sul

R\$ 1.736,15

▼ Espírito Santo

R\$ 1.732,95

Servidores têm salários mais altos

▄ Servidores da administração pública, defesa e seguridade social são os que ganham mais no Estado, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No primeiro trimestre, a renda média da categoria foi a mais alta: R\$ 2.730,71. Mas sentiu uma queda de R\$ 313,96 se comparado ao mesmo período de 2014. O segundo setor que concentra a maior remuneração é o da informação, comunicação e atividades financeiras. A renda média equivale a R\$ 2.066,69. Na sequência, aparece o setor de educação, saúde e serviços sociais: R\$ 1.963,03. Trabalhadores domésticos são os que ganham menos: R\$ 716,48.

Para o diretor administrativo do Sindipúblicos, Haylson de Oliveira, o desempenho da renda dos servidores não reflete a realidade. “Em poucos anos, apenas desde 2012, a perda salarial é de 70%”.

VENCIMENTOS

2,7 mil reais

É o valor médio do salário dos servidores públicos medido pelo IBGE, uma queda de R\$ 313,96 ante 2014

TRABALHO NO ESTADO

EM TRÊS MESES

Desemprego sobe e atinge 136 mil

Desocupação na faixa de 18 a 24 anos no Estado teve alta de 25% no 1º trimestre

▄ POLLYANNA DIAS
pdias@redegazeta.com.br

Há mais pessoas em busca de trabalho no Espírito Santo. A taxa de desemprego no Estado subiu nos três primeiros meses deste ano e chegou a 6,9%, o equivalente a 136 mil pessoas sem trabalho. Os dados fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE.

No último trimestre de 2014, a desocupação atingiu 6% da população. E nos três primeiros meses do ano passado ficou em 6,3%, correspondendo a 124 mil pessoas.

Do total de 1,9 milhão de pessoas em idade ativa no Estado, 1.835.000 efetivamente trabalham.

Embora o número de desempregados tenha cresci-

do, o Estado ainda está abaixo da média nacional de desocupados, de 7,95%. O índice nacional foi o maior dos últimos dois anos. Rio Grande do Norte tem o maior nível de desemprego (11,5%) e Santa Catarina é onde menos pessoas estão desocupadas e procuram emprego (3,9%).

JOVENS

O número de desempregados do Estado com idade entre 18 e 24 anos aumentou 25% no primeiro trimestre deste ano, em relação ao mesmo período do ano passado. Nessa faixa etária, o total de desocupados saltou de 3.600 para 4.500.

No país, o desemprego também atinge fortemente os jovens. A taxa nacional de desocupados aumentou 17,6% nessa mesma faixa etária.

Entre as pessoas com idade entre 25 e 39 anos, a taxa de desempregados subiu 6,12% no Estado. Os



ARQUIVO

Taxa de desemprego no Estado alcançou 6,9%

mais experientes foram os mais contratados neste início de ano. Na faixa dos 40 aos 59 anos, o número de desocupação caiu 14,29%.

MULHERES

Na contramão da tendência nacional de que o

desemprego atinge mais o sexo feminino (9,6%), o número de mulheres desocupadas no Estado se manteve no primeiro trimestre de 2015 em relação ao mesmo período do ano passado. No total, 68 mil mulheres perderam o emprego.

Comércio emprega mais no ES

▄ A maioria das pessoas empregadas no Espírito Santo trabalham no comércio e na reparação de veículos e motocicletas. Nos primeiros três meses do ano, o setor concentrou 18,6% dos postos de emprego nessa área.

O segundo setor com maior número de ocupação é o da agricultura, produção florestal, pecuária, pesca e aquicultura - empregando 14,7% dos trabalhadores no Estado.

A indústria aparece em terceiro lugar, com 11,9% de trabalhadores.

No outro extremo, a distribuição de pessoas ocupadas foi mais baixo no setor de alojamento e alimentação: 4,3%.

ANÁLISE

Apenas uma ponta do iceberg

▄ A matriz da atividade econômica estadual não se reinventou em 20 anos. A renda tem caído e a presença da desocupação nas estatísticas, quando associadas à desigualdade de renda entre os Estados brasileiros, agrava a situação social. O setor de serviços e a agricultura e pecuária funcionam como esteios improvisados, já que a indústria vai mal. As 136 mil pessoas sem postos de trabalho é apenas a ponta de um iceberg cuja massa ainda está submersa.

—
ANTONIO MARCUS
ECONOMISTA E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO